

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO**  
**18 e 30 de Março de 2022**

**LA FEMME AUX CENTS VISAGES / 1966**

*Um filme de Jean-Daniel Pollet*

Realização, Fotografia e Montagem: Jean-Daniel Pollet / Argumento: Jean Thibodeau / Música: Antoine Duhamel / Narração: Jean Topart.

Produção: Argos Films / Cópia: DCP, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**UNE BALLE AU COEUR / 1966**

*Um filme de Jean-Daniel Pollet*

Realização: Jean-Daniel Pollet / Argumento: Jean-Daniel Pollet e Pierre Kast, baseado numa história original de Pollet / Direcção de Fotografia: Alain Levent / Direcção Artística: Marilena Aravantinou / Guarda-Roupa: Dimis Kritsas / Música: Mikis Theodorakis / Som: Nikos Ahladis / Montagem: Denise de Casabianca / Interpretação: Sami Frey (Francesco), Françoise Hardy (Hanna), Jenny Karezi (Carla), Spyros Focas (Navarra), Giorgos Moutsios, Anna Raftopoulou, Sotiris Moustakas, Michel Balis, etc.

Produção: CEPC / Produtor: André Lapprand / Cópia: DCP, colorida, falada em francês e grego com legendagem electrónica em português / Duração: 81 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Em **La Femme aux Cents Visages** ouve-se a inconfundível música que Antoine Duhamel tinha acabado de compor para o **Pierrot Le Fou** de Jean-Luc Godard, e não será a última vez nesta sessão a lembrança desse filme está presente – também em **Une Balle au Coeur**, mesmo que aí a música seja, literalmente, outra.

**La Femme aux Cents Visages**, produzido pela Argos Films de Anatole Dauman, é um documentário “de montagem” que assenta num princípio diabolicamente simples e diabolicamente sedutor. Representações pictóricas, da pré-história à modernidade, de rostos e corpos femininos (enfim, contará mais “la femme” do que os “cents visages”), sucedem-se no ecrã, em montagem à beira da sobreposição (gerando um efeito que em 1966 ainda não existia: pensamos numa espécie de “morphing”), sempre a preto e branco mesmo quando conhecemos as cores dos quadros representados, enquanto a voz off, entre as pontas da partitura de Duhamel, debita um texto de Jean Thibodeau que é uma espécie de mitificação, ou retrato mítico, de todas aquelas figuras femininas – como que as unificando, dando a ver os “cem rostos” *da figura feminina*, com artigo definido. No balanço entre o mito geral e as representações particulares, o enfoque é, essencialmente, estético: filmes de homens sobre a beleza da mulher, apoiado em séculos ou milénios de arte (e não apenas “ocidental”). Estará talvez fora do decoro político-intelectual contemporâneo, e seria eventualmente

interessante discuti-lo. Mas uma coisa em que podemos estar todos de acordo, porventura pacificamente, é que se trata de um filme muito belo, e bastante delicado.

Em **Une Balle au Coeur** a música é outra, grega e de Mikis Theodorakis, e apesar da presença no elenco de Françoise Hardy (que se não era o primeiro filme em que entrava, era primeira vez que se via em tais preparos de “cinema de autor” sem nada a ver com a leveza do “ié ié”). Mas são realmente as canções gregas que nos embalam o espírito, quer os acordes que vêm do “off” (a “música de acompanhamento”) quer os vários números musicais no cabaret em que a personagem de Jenny Karesi é estrela. E, no entanto, no carácter “desossado” do filme como sempre ou quase sempre patenteiam as ficções de Jean-Daniel Pollet, vem muitas vezes a recordação do **Pierrot le Fou** (ficámos a saber no primeiro filme da sessão a que ponto esse filme terá impressionado Pollet) ou genericamente do “policia à Godard”, onde o pretexto do filme de “gangsters” se constituiu acima de tudo em vocabulário, e onde há derivas geográficas (e como no **Pierrot**, muito sol, muita praia, muito mar, muito vermelho, muito azul, muito amarelo), amor & morte, e o sangue que uma *balle* deixa no *coeur*. Há até, embora Pollet seja a esse respeito muito mais austero, pequenas homenagens e filiações de cariz cinéfilo – repare-se no nome do realizador do filme que se roda dentro do filme, Raoul Kastruc, “portmanteau” de Raoul Coutard (director de fotografia, entre outros, do... **Pierrot le Fou**) e Alexandre Astruc, “eminence grise” da geração da nouvelle vague. E, claro, Sami Frey, que se vinha de um JLG (*Bande à Part*) conserva os modos de “proto-Belmondo” (era o tempo em que Godard sonhava filmar, com ele como protagonista, um *William Wilson* segundo a história de Poe) a meio caminho entre Michel Poiccard e Ferdinand (porque era assim que ele insistia chamar-se), quer dizer, modos de gangster desajeitado, tão bruto como vulnerável.

E entre a abertura, que vai direita à “bala no coração” para depois um flash-back nos mostrar como se chegou a ela, e o fim com uma morte ao sol e ao ar livre (como no fim morriam, com mais ou menos sol, Poiccard e Ferdinand), Pollet faz um périplo belíssimo sobre as paisagens do *mediterranée* que tanto e tantas vezes o fascinaram pela duração de filmes inteiros (do propriamente dito *Mediterranée* a **Trois Jours en Grèce**, passando por **L'Ordre**, e etc). É um belo filme do “sul” e um belo filme “grego” (mesmo quando a Grécia passa por Sicília) é finalmente isso que guardamos na memória, os bailados de vida e de morte a que as personagens se dedicam naquelas paisagens e naqueles ambientes.

Luís Miguel Oliveira